

TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO EM PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Márluce Coan¹

Sávio André de Souza Cavalcante²

Karla Maria Marques Peixoto³

Meire Celedônio da Silva⁴

Micheline Guelry Silva Albuquerque⁵

RESUMO

Neste artigo, analisamos, com base em postulados da Sociolinguística Variacionista, usos de topicalização ou não do sujeito. A investigação valeu-se do banco de dados NURC-RJ e considerou a atuação dos fatores *extensão do sujeito*, *animacidade*, *definitude*, *estatuto informacional* e *tipo de inquérito*, mediante análise estatística no programa GOLDVARB. Os resultados referentes a 853 dados mostraram somente 6,7% de construções de tópico-sujeito, condicionadas, estatisticamente, apenas pelos fatores *sujeito extenso* (peso relativo 0,735) e *mais animado* (peso relativo 0,712).

Palavras-chave: topicalização; sujeito; Sociolinguística Variacionista.

RESUMEN

En este artículo, analizamos, basados en postulados de la Sociolinguística Variacionista, usos de topicalización o no del sujeto. La investigación se valió de la base de datos NURC-RJ y consideró la actuación de los factores extensión del sujeto, animacidad, definitud, estatuto informacional y tipo de discurso, mediante análisis estadístico en el programa GOLDVARB. Los resultados referentes a 853 datos presentaron solamente 6,7% de construcciones de tópico-sujeito, motivadas, estadísticamente, sólo por los factores sujeto extenso (probabilidad 0,735) y más animado (probabilidad 0,712).

Palabras-clave: topicalización; sujeto; Sociolinguística Variacionista.

1 Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (coanmalu@ufc.br).

2 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (savio.andrec@gmail.com).

3 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (karlampeixoto@yahoo.com.br).

4 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (mmceledonio@gmail.com).

5 Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (michelineguelry@yahoo.com.br).

INTRODUÇÃO

Para a Teoria Variacionista, a língua é um fenômeno inerentemente variável, não se trata de uma realidade exclusivamente estrutural, mas de sistema dependente de integração entre estrutura, discurso e sociedade. Com base nesse pressuposto, o presente artigo objetiva analisar construções de tópico, termo subjacente à organização da sentença em tópico-comentário, como variante da construção em que ao sujeito não se atrela um pronome cópia. No Português do Brasil (doravante PB), pode-se observar a realização de construções sintáticas como (1a) e (2a), que alternam com os equivalentes semânticos (1b) e (2b), respectivamente:

(1a) ...**os outros países** principalmente na Europa... América do Norte... lá eh:... **eles** não param de sofrer tormentas... (Inquérito 158 – D2)

(1b) ...**os outros países** principalmente na Europa... América do Norte... lá eh:... não param de sofrer tormentas...

(2a) ...**uma molécula** quando junta com outra **ela** forma uma terce... outra molécula... tá? (Inquérito 251 – EF)

(2b) ...uma molécula quando junta com outra forma uma terce... outra molécula... tá?

Os exemplos (1a) e (2a) consistem nas chamadas Construções de Tópico (conforme CHAFE, 1976; LI; THOMPSON, 1976; PONTES, 1987) por apresentarem um sintagma nominal à esquerda da oração, que pode ser retomado através de um pronome cópia, a depender da intenção do falante em chamar a atenção de seu interlocutor para o que será dito, prosseguindo, então, com o comentário acerca do tema da mensagem. O uso do pronome cópia em Construções de Tópico foi largamente estudado por Chafe (1976), que o apontou como elemento constituinte de uma das formas de manifestar o tópico, culminando em construções com *sujeito duplo*.

Esse tipo de construção não é reconhecido pela tradição gramatical, sendo deixada à parte, como uma figura de linguagem: o anacoluto, sempre exemplificado com textos literários. Segundo Rocha Lima (1988), esta figura de linguagem constitui

um caso de sintaxe afetiva e consiste “numa desconexão sintática, resultante do desvio do plano de construção da frase” (p. 453). Pela visão tradicional, a noção de tópico não estaria incorporada à estrutura sentencial do Português. Contudo, as Construções de Tópico (doravante CTs) podem ser analisadas sob dois aspectos: o sintático e o discursivo. Sintaticamente, as CTs são constituídas por um Sintagma Nominal (SN) acompanhadas de uma sentença-comentário, diferenciando-se, assim, da estrutura sintática defendida pela tradição gramatical para a Língua Portuguesa, que é a de sujeito-predicado. No que se refere ao aspecto discursivo, o tópico (representado sintaticamente por um SN) atrai para si a atenção do ouvinte, determinando o tema sobre o qual se faz um comentário, elaborado em sentença com sujeito e predicado. Assim, a repetição do sujeito por pronome cópia consiste em um movimento do sujeito da oração para a esquerda, com retomada do componente inicial na sentença-comentário na forma dos pronomes *eles(as)* ou *ele(a)*.

Silva; Alves (2013, p. 113) explicam que “há de haver entre essas duas partes do discurso algum tipo de relação que possibilite a construção de uma sentença inteligível”. Em geral, essa relação é semântica e, no caso específico desta investigação, constrói-se em virtude da correferencialidade com o sujeito. Os autores, com base em dados de conversas informais e da mídia televisiva, mostram que são altamente frequentes, no PB, estruturas com pronome cópia na sentença-comentário.

Com base nessas observações e por notarmos o acentuado uso de tais CTs na fala, percebemos a necessidade de se fazer um estudo mais detalhado acerca das possíveis condições que favorecem a sua ocorrência. Para tanto, adotamos, como referencial teórico, os postulados da Sociolinguística Variacionista, visando à busca por motivações que vão da morfossintaxe ao discurso. Utilizamos, para a coleta dos dados, inquéritos pertencentes ao banco NURC-RJ (Projeto Norma Urbana Oral Culta – Rio de Janeiro). Para as rodadas estatísticas, controlamos fatores linguísticos (extensão do sujeito, animacidade, definitude e estatuto informacional) e um extralinguístico (tipo de inquérito).

Após esta Introdução, situamos nosso direcionamento teórico, mediante breve exposição dos pressupostos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. Em seguida, na metodologia, apresentamos o corpus (NURC-RJ – Projeto Norma Urbana Oral Culta), os grupos de fatores, as hipóteses e o viés quantitativo de análise. Ao

final, expomos os resultados considerando grupos de fatores estatisticamente significativos para a variante tópico-sujeito, bem como resultados percentuais associados aos fatores não selecionados pelo programa GOLDVARB.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Deve-se a Labov, de acordo com Figueroa (1994), o estabelecimento de uma base para a análise da variação linguística – um ponto de vista e um método – que teve grande influência no desenvolvimento da Sociolinguística. Para Figueroa (1994), há uma tendência no posicionamento de Labov em concordar com o postulado de Saussure de que a língua é vista como um fato social e em discordar de Chomsky, que vê a língua sob o ponto de vista individual. Para Labov (1972), a língua é considerada um fato social por pertencer a uma comunidade de fala mais que ao indivíduo, razão por que considera a língua de uma comunidade de fala como objeto de descrição linguística.

Weinreich; Labov; Herzog (1968) argumentam que a descrição da língua como um objeto homogêneo é em si desnecessariamente irrealista. Muito antes de as teorias de previsão de mudança de idioma serem testadas, será necessário aprender a ver a linguagem – seja a partir de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto heterogeneamente organizado. É dos autores o postulado célebre de que nem toda variabilidade na estrutura linguística pressupõe mudança, mas toda mudança tem origem em uma variação. Para os autores, deve ser preocupação do sociolinguista entender como o processo de variação/mudança está encaixado na estrutura linguística e social. Em outras palavras, faz-se necessário explicar como fatores linguísticos e sociais atuam em fenômenos variacionistas. Explicar a língua, então, significa também relacionar seu comportamento ao da comunidade na qual está inserida (LABOV, 2001).

De acordo com Paredes da Silva (2012), o início das pesquisas sociolinguísticas tratava basicamente de fenômenos morfofonológicos e grupos de fatores tanto de natureza linguística (fonológicos, morfofonológicos, sintáticos, semânticos etc) quanto de natureza social (idade, sexo, escolaridade, profissão etc) eram considerados, embora houvesse uma maior importância dada aos últimos, pois sinalizavam uma acentuada oposição ao gerativismo. Hoje, estenderam-se os métodos de estudo da variação fonológica à sintaxe, à semântica e ao discurso, pois elementos variáveis são encontrados em todos os níveis da estrutura linguística

(WEINER; LABOV, 1977). Diante dessa perspectiva de pesquisa sociolinguística, há também a mudança de primazia dos fatores condicionadores da variação, assim, enquanto na pesquisa da variação morfofonológica há uma acentuada valorização dos fatores sociais, com a pesquisa de fatores não fonológicos, percebe-se menor influência desses fatores externos.

A confirmação estatística da relevância de grupos de fatores semânticos (animacidade, determinação, definitude, dentre outros), por exemplo, fornece pistas confiáveis para a identificação do significado das variantes (GRYNER; OMENA, 2012). Braga (2012) mostra que os aspectos discursivos, como *status* informacional, também, vêm tendo relevância nos estudos da linguagem. Essas ilustrações foram aqui escolhidas por vincularem-se aos grupos de fatores testados nesta pesquisa: animacidade, definitude e *status* informacional, variáveis independentes da variável dependente sob análise – topicalização, aqui tratada em perspectiva variacionista considerando-se construções tópico-sujeito pronominal *versus* construções com sujeito sem pronome cópia. Na acepção de Labov (1978), as variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, mais especificamente com o mesmo significado referencial.

METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar tópico seguido de pronome cópia *versus* sujeito sem pronome cópia, de acordo com o modelo de análise variacionista proposto por Labov (1972), consideramos o vernáculo como foco de investigação. O *corpus* utilizado para esta pesquisa já estava coletado e organizado a partir de pesquisa de campo. Fizemos, então, a coleta a partir das entrevistas disponíveis em acervo digital: Elocução Formal (EF), Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2). As entrevistas que compõem o banco de dados do projeto NURC – RJ datam das décadas de 70 e 90 do século XX, todos os informantes possuem nível superior completo e nasceram no estado do Rio de Janeiro.

Na pesquisa, foram analisadas 12 entrevistas de falantes distintos, 4 entrevistas para cada um dos 3 inquéritos escolhidos, pois uma das hipóteses levantadas estava relacionada ao grau de formalidade do inquérito. Resolvemos variar os inquéritos em relação ao sexo e à temática das entrevistas, variáveis que,

embora não tenham sido controladas, foram distribuídas proporcionalmente. No que tange à idade dos falantes, resolvemos selecionar apenas as entrevistas de pessoas na faixa etária entre 25 e 55 anos, para que o fator idade não interferisse na utilização da variante analisada, pois o fator idade também não foi controlado.

Os dados foram codificados mediante análise dos seguintes grupos de fatores: a) extensão do sujeito: curto (até 3 vocábulos) / longo (4 ou mais vocábulos); b) animacidade: +animado/-animado; c) definitude: +definido / -definido; d) estatuto informacional: novo / inferível / evocado e e) tipo de inquérito: Elocução Formal / Diálogo entre Informante e Documentador / Diálogo entre Dois Informantes. No que diz respeito às variantes, hipotetizamos que as CTs devem aparecer em baixa frequência, já que a variedade do Português utilizada na pesquisa é a culta e os dados são da década de 70.

Em relação à extensão do sujeito, algumas pesquisas mostram que a distância entre o SN sujeito e o verbo condicionam algum tipo de variação linguística, geralmente variáveis não padrão, conforme observado em Pontes (1987). Para esse grupo variável, definimos como SN curto, caso o número de vocábulos que compõe o sintagma nominal fosse até três, e longo, caso fossem mais que três vocábulos. Hipotetizamos que os contextos de sujeitos longos (mais de 3 vocábulos) seriam favorecedores de repetição do sujeito por pronome cópia.

No que diz respeito à animacidade, grupo já abordado nos trabalhos de Omena (1978), Braga (1986) e Paredes Silva (1988), apoiamo-nos em Chafe (1979), que correlaciona agente com a especificação semântica de algo ou alguém que pode fazer alguma coisa com uma força própria. Disso decorre nossa hipótese de que a repetição é mais frequente em sujeitos com o traço + animado, já que mais salientes perceptualmente, o que demandaria mais saliência em codificação. Agentividade é um dos parâmetros que contribuem para a alta transitividade de uma sentença, o que a faz ser figura no discurso (HOPPER & THOMPSON, 1980). A figura constitui o relevo, por isso, é percebida como mais saliente; o fundo aparece como suporte, caracterizando-se como neutro (KOFFKA, 1935/1975).

Para a variável definitude, seguimos as orientações de Chafe (1979): o traço “+ definido” decorre da presença de artigo definido, possessivo e demonstrativo e o traço “- definido”, da presença de artigo indefinido ou da ausência de qualquer determinante. Pelas mesmas razões atribuídas à variável anterior,

temos que a repetição por pronome cópia estaria ligada a sujeitos com traço + definido.

Quanto à variável estatuto informacional, utilizamos a seguinte classificação: novo, inferível e evocado, em aproximação ao sentido desses termos utilizados por Prince (1981), ou seja, categorias relacionadas à menção da informação no texto. Hipotetizamos que as ocorrências de pronome cópia estariam atreladas a sujeitos novos, indicados pelo tópico e reafirmados pelo pronome.

Para tipo de inquérito, nossa hipótese relaciona-se à noção de estilo (conforme Labov, 2003), por isso as ocorrências de tópico-sujeito estariam mais vinculadas aos inquéritos DID e D2, já que a Elocução Formal seria menos natural e mais monitorada.

Após aventadas as hipóteses, coletados e codificados os dados, fizemos rodadas estatísticas no programa computacional GOLDVARB, que gerou frequências e pesos relativos, apontando para as variáveis estatisticamente significativas, aquelas que motivam uma variante e restringem outra.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos 853 dados coletados, percebeu-se uma preponderância de dados com uso de sujeito sem pronome cópia (796/93,3%), confirmando a hipótese inicial e revelando uma preferência por esse tipo de construção no Português culto. Nossos resultados mostram, também, que a construção tópico-sujeito (57/6,7%) tem motivações especiais e contextos específicos de ocorrência. De qualquer modo, mesmo sendo poucas as ocorrências desse tipo de construção no corpus sob análise, em consonância com a tipologia de Li; Thompson (1976) e com os estudos de Pontes (1987) para o Português, confirmamos a assunção de que são observáveis, no Português, os dois padrões sujeito/predicado e tópico/comentário.

Dos grupos de fatores extensão, animacidade, definitude, estatuto informacional e tipo de inquérito, o programa GOLDVARB, que considera a interação entre todos os fatores, destacou os dois primeiros como mais relevantes, por isso, esses dois serão apresentados com os pesos relativos; para os demais, prevalecerá o percentual, que aponta para tendências de uso (cf. FOX, 2007).

Em relação ao fator extensão, os números apresentados na tabela 01 apontam para a confirmação da hipótese: as ocorrências de pronome cópia podem

ser explicadas pela existência de sujeitos longos. Partimos do pressuposto de que, quanto mais elementos o sujeito contiver, maiores serão as chances de que o falante resuma todo aquele extenso SN em apenas um pronome, ajudando o ouvinte a identificar mais rapidamente o referente que está sendo introduzido. As ocorrências de pronome cópia atreladas a sujeito longo, como no exemplo (3), abaixo, apresentam peso relativo considerável (0,735) e corroboram também as asserções de Pontes (1987), que considera relevante o critério extensão.

Tabela 01 – Extensão e uso de tópico-sujeito pronominal versus sujeito sem pronome cópia

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Sujeito curto (até 3 vocábulos)	30/632/4,7	0,412
Sujeito extenso (mais de 3 vocábulos)	27/221/12,2	0,735

(3) ...o homem que tem educação... ele já não se satisfaz... (Inquérito 355 – D2)

O critério animacidade também foi considerado relevante para o programa estatístico. Conforme dados da tabela 02, abaixo, dentre as ocorrências de tópico-sujeito pronominal, 11,3% apresentavam-se com sujeitos classificados como mais animado. Observando o peso relativo (0,712), percebemos que o critério é importante, pois o peso decorre de interação entre grupos. Os dados confirmam a hipótese, pois previmos que as ocorrências com pronome cópia seriam mais frequentes em contexto de sujeito mais animado, como no exemplo (4).

(4) (...) o menino principalmente... ele corria sem direção (...). (Inquérito 269 – D2)

Tabela 02 – Animacidade e uso de tópico-sujeito pronominal versus sujeito sem pronome cópia

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Menos animado	20/526/3,8	0,363
Mais animado	37/327/11,3	0,712

Dos grupos não selecionados estatisticamente, trataremos primeiramente de definitude. Embora os percentuais não possam ser discutidos, por serem iguais, o número de dados pode ser uma saída para algumas considerações. Há mais dados da construção tópico-sujeito quando os SNs são mais definidos. Chafe (1979) explica que, se o item é genérico ou definido, como nas sentenças (5) e (6), respectivamente, tem alta probabilidade de transmitir informação dada/velha, o que condiz com os resultados do grupo estatuto informacional (conforme tabela 04). Por outro lado, se é não genérico e não definido, como em (7), tende a codificar informação nova, pois o falante acredita que a informação está sendo introduzida pela primeira vez na mente do ouvinte.

(5) ...**plantação rastejante**... ela vem diminuindo... (Inquérito 158 – D2)

(6) ...**o cara** ele tem da figura da mãe... (Inquérito 97 – DID)

(7) ...**uma amiga minha**... ela, ela acha que a pessoa que gosta de casa não se adapta nunca a um hotel. (Inquérito 101 – DID)

Tabela 03 – Definitude e uso de tópico-sujeito pronominal versus sujeito sem pronome cópia

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Menos definido	11/165/6,7
Mais definido	46/688/6,7

Os resultados referentes ao grupo estatuto informacional não tendem a confirmar nossa hipótese de que a construção tópico-sujeito estaria atrelada ao reforço de informações novas. As tendências, aqui, referem-se a diferenças percentuais mínimas, por isso devem ser relativizadas. De qualquer modo, mesmo que mínimas, as diferenças demonstram que sintagmas nominais posicionados mais à esquerda em sentenças, na maior parte dos casos, codificam informação dada/evocada (BRAGA, 1984, 1988). De todas as ocorrências, 8,2% representavam casos de sujeito com pronome cópia cujos referentes já eram conhecidos no discurso, contra 5,8% e 5%, respectivamente, de referentes novos e inferíveis, como se pode observar na tabela 04. Exemplificamos o comportamento desse grupo de fator com as sentenças (8), (9) e (10). Na sentença (8), o tópico “regiões administrativas” já havia sido referido no discurso, e, portanto, codifica informação dada/evocada; em (9), “uma amiga minha” é informação nova e, em (10), embora não tenha sido referido anteriormente qual “indivíduo” se sente massificado, o ouvinte pode pressupor, pelo contexto (sensação de massificação por estar em cidades grandes), que se trata de uma generalização, não se aplicando a um ser específico, logo esse SN é inferível.

(8) L1: não é perfeito... e ele... e ele... pela... pela... pela organização daqui... eh... ele... ele é sub... ele subdivide a prefeitura em prefeiturinhas... ou seja... *nas regiões administrativas* da cidade... não é?

D: porque até há pouco tempo... o Rio de Janeiro era uma ...

L2: uma cidade ...

D: era uma cidade es/ estranha...

L1: estado... cidade-estado... né? ela agora ficou assim... cidade só... então **essas regiões administrativas**... no papel elas deveriam funcionar com autonomia... na prática não funciona... (Inquérito 355 – D2)

(9) ...**uma amiga minha** e ela, ela acha que a pessoa que gosta de casa não se adapta nunca a um hotel porque não tem nada de seu. (Inquérito 101 – DID)

(10) ...mas... ô B.... sabe o que que é... isso é problema de grande cidade particularmente de São Paulo... de Rio de Janeiro no Brasil sabe... você quando você vai ao Paraná... você não sente tanto... é São Paulo e Rio de Janeiro... é uma coisa assim... é uma constatação tão clara que se pode fazer... sabe é aquela massificação... **o indivíduo ele se sente massificado**... (Inquérito 147 – D2)

Tabela 04 – Estatuto Informacional e uso de tópico-sujeito pronominal *versus* sujeito sem pronome cópia

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Evocado	32/391/8,2
Novo	14/243/5,8
Inferível	11/219/5

Em se tratando do tipo de inquérito, os valores quantitativos apresentados na tabela 05 mostram que uso de pronome cópia foi mais frequente na situação de diálogo entre dois informantes (10%). Tal dado confirma a hipótese de que, quanto mais formal é a situação, menores são as tendências do aparecimento de pronome cópia, por se tratar de “infração” à norma culta, pelo menos para manuais normativos. Dos três tipos de inquérito escolhidos, o tipo D2, com menor grau de formalidade, foi o responsável por revelar maior uso de tais construções, embora haja dados nos outros inquéritos e as diferenças sejam mínimas.

Tabela 05 – Tipo de inquérito e uso de tópico-sujeito pronominal *versus* sujeito sem pronome cópia

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Elocução Formal (EF)	16/361/4,4
Diálogo entre dois informantes (D2)	23/231/10
Diálogo entre informante e documentador (DID)	18/261/6,9

Percebe-se, então, conforme postulado por Labov (2003), que formas não prescritas são mais correntes em situações mais casuais, naturais, em que há menor monitoramento da produção linguística pelo falante. Pelo contrário, nas situações formais, o falante tende a monitorar mais seu discurso e evita a retomada do sujeito por pronome cópia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em perspectiva variacionista, analisamos o comportamento da repetição ou não do sujeito por pronome cópia, submetendo, estatisticamente, essas variantes a fatores que poderiam condicioná-las. Nas análises, percebemos que há uma real primazia do sujeito sem pronome cópia, ficando a topicalização do sujeito (tópico-sujeito pronominal) às margens. A baixa frequência, talvez, decorra do fato de a variedade do Português analisada ser a culta e de os dados serem da década de setenta.

Embora haja poucos dados de topicalização, nossa análise demonstra que extensão e animacidade são contextos propícios a essa variante, especificamente os fatores sujeito mais extenso e mais animado. Há indícios de que quanto mais elementos o sujeito contiver, maiores serão as chances de que o falante resuma todo aquele extenso SN em apenas um pronome, com o intuito de ajudar o ouvinte a identificar mais rapidamente o referente que está sendo introduzido. É também relevante a influência do traço +animado, já que saliência perceptual (agentividade) pode ser codificada em saliência estrutural com tópico atrelado a sujeito pronominal.

Com a pretensão de mostrar resultados referentes a uma sincronia, a da década de setenta, pudemos evidenciar casos, mesmo que poucos, de topicalização. Em outras oportunidades, será necessário investigar outras sincronias e, então, proceder a um estudo pancrônico, para que se possa responder a uma pergunta das entrelinhas: o PB caminha em direção a se tornar uma língua de *tópico-sujeito* ou *sujeito duplo*?

REFERÊNCIAS

BRAGA, Maria Luiza. Tópico e ordem vocabular. In: **Boletim da ABRALIN**, v. 6, p. 174-188, 1984.

BRAGA, Maria Luiza. Revisitando as construções de tópico. *In: Relatório final: Projeto de Estudos sobre o Uso Linguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1988. 53 fl. Mimeografado.

BRAGA, Maria Luiza. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 101-116.

CHAFE, Wallace L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. *In: LI, C. (ed.). Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

CHAFE, Wallace L. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

COSTA, Marcos Antonio. Topicalização: mudança unidirecional x uniformitarismo. *In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL*, 4, 2000, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, Mídia Curitibana, 2001. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/080.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic Metatheory**. Language & Communication Library, Vol.14. Oxford: Pergamon, 1994.

FOX, Barbara. Principles shaping grammatical practices: an exploration. **Discourse studies**, Los Angeles, London, v. 9, n. 3, p. 299-318, 2007.

HOPPER, Paul.; THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, vol. 56, n° 2: pp. 251-299, 1980.

KOFFKA, Kurt. **Princípios da psicologia da Gestalt** (A. Cabral, trad.). São Paulo: Editora Cultrix, 1975 (original publicado em inglês, em 1935).

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop. A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some Sociolinguistic Principles. *In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (orgs.) Sociolinguistics. The essential readings*. New York: Cambridge, 2003.

LI, Charles; THOMPSON, Sandra. Subject and topic: a new typology of language. *In: LI, Charles (ed.). Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976, p. 457-489.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires. Interferência das variáveis semânticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 89-100.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. Relevância das variáveis linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 67-71.

PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

PRINCE, Eleanor. Toward a taxonomy of given/new information. *In*: COLE, Peter. (ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981, p. 223-255.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SILVA, Jair Barbosa da; ALVES, Rhávila Raquel G. Propriedades sintáticas das construções de tópico marcado. **Interdisciplinar**, Itabaiana/SE, ano VIII, v. 17, p. 111-122, jan./jun. 2013. Edição Especial ABRALIN/SE.

WEINER, Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, n. 19, p. 29-58, 1977.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Empirical Foundation a for a Theory of Language Change**. New York: Columbia University, 1968. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/hist05.html>> Acesso em: 17 jul. 2013.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

COAN, Márluce; CAVALCANTE, Sávio André de Souza; PEIXOTO, Karla Maria Marques; DA SILVA, Meire Celedônio; ALBUQUERQUE, Micheline Guelry Silva. Topicalização do sujeito em perspectiva variacionista. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 173-186, 2016.

Recebido: 31.01.2016

Aprovado : 25.04.2016